

Show no templo das Laranjeiras



Fluminense 4 x 0 Flamengo Campeonato Carioca / decisão

Data: 21 de dezembro de 1919

Local: Laranjeiras

Juiz: Eduardo Magalhães

Gols: Machado 16' do 1º tempo. Welfare 3', Bacchi 16' e Machado 31' do 2º tempo

FLUMINENSE: Marcos Carneiro de Mendonça, Vidal e Othelo; Lais, Osvaldo Gomes e Fortes; Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bacchi

Técnico: Ramón Platero

FLAMENGO: Lapport, Píndaro e Telefone; Japonês, Sisson e Dino; Carregal, Candiota, Pereira Lima, Sidnei Pullen e Junqueira

Técnico: Grand Committeé

Era a penúltima rodada do Campeonato Carioca e bastava uma vitória para o Fluminense conquistar, por antecipação, o tricampeonato, pois em 1917 e 1918 reinara absoluto no futebol do Rio. O time que entrou em campo para enfrentar o Flamengo, numa Laranjeiras recém-construída – orgulho tricolor que acabara de abrigar o campeonato Sul-Americano vencido pela seleção brasileira –, era aquele que Mário Filho diria que todo tricolor deveria recitar, por sua importância histórica, como se fosse um soneto de Olavo Bilac. Naquele dia, só faltava Coelho Netto, substituído por Othelo.

Era um Fla-Flu badaladíssimo, talvez o mais importante disputado no período do amadorismo. Não por acaso, duas horas antes do início da partida – marcada para as 16h –, “o grande estádio já encontrava-se completamente cheio por uma multidão enorme de guarda-chuvas abertos, comprimindo-se nervosa aguardando a importante peleja”, conforme noticiou o jornal *O Imparcial*.

Naquela altura, a venda dos ingressos já havia sido suspensa. Não cabia mais ninguém nas Laranjeiras, mas a procura continuava. Foi preciso a ação de soldados da cavalaria em frente aos guichês “para garanti-los de um ataque de grande parte do público que queria assistir ao embate”.

Diante da impossibilidade de entrar no estádio, os torcedores não se fizeram de rogados. Muitos “migraram” para o morro vizinho e, de lá, sentados na encosta ou em cima de árvores, acompanharam as jogadas de Harry Welfare ou Sidnei Pullen, ídolos maiores de Fluminense e Flamengo.

Era uma “enchente colossal” que só se comparava àquela que se verificou nos jogos do Brasil no Sul-Americano:

“Todas as dependências da praça de esportes, apesar da chuva miúda, ficaram completamente cheias de *sportsmen* e famílias distintas, que, desde cedo, para ali acorreram para apanhar acomodações de onde pudessem apreciar as fases da grande luta”, escreveu *O Imparcial*.

Era o Fla-Flu ganhando cara de Fla-Flu, atraindo multidões, sedimentando talvez o clássico mais tradicional do futebol brasileiro. Naquela tarde de 21 de dezembro, até o presidente Epitácio Pessoa não quis perder a festa. Deixou de lado a dor de cabeça de greves que pipocavam pelo Distrito Federal para, acompanhado de familiares, dos chefes dos gabinetes civil e militar, além do ministro da Marinha Raul Soares de Moura, prestigiar o espetáculo.

“Recebido pelos dirigentes tricolores, o presidente foi, com sua comitiva, conduzido ao pavilhão central.”

Com os jogadores perfilados diante da Tribuna de Honra, onde estava o presidente, a banda do Batalhão Naval executou o Hino Nacional.

Depois foi só a bola rolar para o início do clássico dos clássicos. Era um jogo estudado que não demorou a mudar de panorama. Aos 11 minutos Zezé fez um gol em impedimento, lance bem anulado pelo árbitro Eduardo Magalhães. O susto acordou o Flamengo que passou a pressionar, o que, cinco minutos depois, já deu resultado, de acordo com *O Imparcial*: “Lais aplicou dentro da área perigosa um *foul* em Sidnei que o juiz puniu com um *penalty kick*.”

Era a grande chance de o Flamengo sair na frente do placar. O médio rubro-negro Japonês se posicionou para fazer a cobrança. Naquele momento de expectativa, estava prestes a acontecer uma das sequências de defesas mais impressionantes que se tem notícia na história do futebol brasileiro. O primeiro chute foi forte, mas Marcos Carneiro defendeu. O rebote voltou para os pés de Japonês, que soltou nova bomba. De novo, o goleiro tricolor salvou mostrando incrível reflexo, já que a batida do rubro-negro foi à queima roupa. Dessa vez, a sobra parou nos pés de Sidnei Pollen, que pegou de primeira. Lá estava outra vez Marcos Carneiro para evitar o gol. No quarto rebote, Junqueira bateu firme, certo de que dessa vez não haveria defesa, mas o goleiro que defendia o Fluminense era um paredão inexpugnável e impediu o gol. Foi quando, por fim, a defesa tricolor afastou a bola da área, diante de uma plateia estupefata que logo, sem outra opção, ovacionou delirantemente os milagres do legendário goleiro tricolor.

Como prêmio, no ataque seguinte, através de Machado, “numa entrada rápida, com um tiro enviesado fortíssimo”, o Fluminense chegou ao primeiro gol. Tudo isso acontecera em apenas 17 minutos. Em desvantagem, o Flamengo não desanimava. Segundo *O Imparcial*, “continuou a se empregar-se com ardor até o fim da primeira etapa”.



O time do legendário Fluminense tricampeão carioca em 1917/18/19. Em pé: Chico Netto, Laís, Vidal, Marcos, Oswaldo Gomes, Othelo e Fortes. Agachados: Mano, Zezé, Welfare, Bacchi e Celso



Na decisão do Carioca de 1919, as arquibancadas do Estádio das Laranjeiras estavam lotadas para assistir ao show de Marcos Carneiro de Mendonça. Como o mais moderno dos goleiros, ele sai do gol e tira a bola da área com um soco

Mas logo aos 3 minutos do segundo tempo, o Fluminense chegaria ao segundo gol: “Welfare se aproveitou de um furo de Píndaro e com um tiro indefensável aninhou a pelota nas redes rubro-negras.”

Desse momento em diante, ficou mais evidente a superioridade do Fluminense:

“O *team* tricolor, que em jogos anteriores tem sabido se conduzir com disciplina e coesão, atuando sempre com a mesma inteligência e coragem, ontem, com já dois pontos de coragem, também assim prosseguiu na parte restante da partida.”

Já os rubro-negros, através dos seus médios, “esforçaram-se bastante, tentando sempre, com brilho, levar os avantes a uma reação enérgica. Estes, porém, na ânsia de desenvolver o jogo pessoal, nada mais obtiveram”.

Ficava claro, pelo noticiário da época, que, enquanto o Fluminense era mais organizado, tinha mais conjunto, o Flamengo tentava reagir na base de jogadas individuais. O resultado foram mais gols para o time tricolor. César Bachi, a revelação do campeonato, driblando quatro defensores rubro-negros, fez 3 a 0 aos 16 minutos:

“Desanimados por essa conquista do rival, os flamengos, então, vendo a impossibilidade de, ao menos, empatar a peleja, deixaram-se abater por completo. Já o tricolor, senhor da situação, prosseguiu com o mesmo vigor e inteligência mantendo a pelota no campo adversário.”

O quarto gol, marcado de novo por Machado, foi o golpe de misericórdia em um Flamengo inerte diante de incontestável superioridade do Fluminense.

“Foi uma pugna que se pode dizer em duas partes distintas. A primeira, ótima, na qual Fla e Flu conduziram-se de forma idêntica. A segunda, na qual o quadro tricolor foi muito superior, demonstrando a sua já conhecida disciplina e técnica de conjunto proporcionando à elevada assistência a verdadeira prática do *Association*, feita sempre com lealdade e ardor, o que lhe valeu sem dúvida manter-se em franca ofensiva, atacando com tenacidade as bandas do Flamengo.”

Foi, enfim, uma atuação impecável de todo o time, como ressaltou *O Imparcial*:

“Marcos Mendonça foi o consagrado arqueiro de sempre. Além de defender o pênalti, fez intervenções brilhantes. A ele, o Fluminense deveu o Flamengo não fazer pontos no primeiro tempo. Vidal esteve bem. Furou umas duas vezes, é verdade, mas em certa ocasião, na porta do gol salvou de este ser vazado. Othello foi um digno substituto de Chico Netto. Corajoso e com entradas seguras. Lais, Oswaldo e Fortes, a linha média tricolor, portou-se com denodo, auxiliando eficazmente os *players* do avante. Da linha de ataque do Fluminense não devemos destacar nomes. É esse o melhor elogio que lhe podemos fazer, pois todos portaram-se com brilho, trabalhando muito para a vitória.”

Era a consagração do time que jogava com a harmonia de um soneto. Ao fim da partida, os tricolores anunciaram à cidade, do alto do morro Mundo Novo, a grande conquista com uma salva de 21 tiros de canhão. Ouvia-se também os toques de uma banda de clarins à beira do gramado. A festa dos torcedores chegava ao auge. Das arquibancadas, na direção do campo, foram jogadas imensas serpentinhas, enquanto os campeões eram carregados em triunfo em uma gloriosa volta olímpica, sob ovação estrondosa da assistência. Ao final, das mãos do presidente da República, os jogadores receberam onze medalhas de ouro.

O segundo tricampeonato do Fluminense, conquistado nesse Fla-Flu histórico, sedimentava um pioneirismo que, já naquela época, transformava o clube em um gigante do futebol brasileiro. O tempo só viria a confirmar essa condição.

CRAQUES ETERNOS



MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA foi o precursor da tradição do Fluminense de ter grandes goleiros. Além de categoria abaixo dos gols, era a própria imagem da elegância. Seu uniforme todo branco com a faixa roxa amarrada à cintura causava furor entre as moças de sua época. Tricampeão carioca em 1917/18/19, foi também o goleiro titular no primeiro título conquistado pela seleção brasileira, em 1919, no palco do recém-construído estádio das Laranjeiras. Foram 126 jogos pelo Flu, com 80 vitórias, 20 empates e apenas 26 derrotas

O poder de fogo do centroavante WELFARE era tão grande que mereceu de Mário Filho a seguinte frase: “Com o Welfare o Fluminense usava uma metralhadora, enquanto seus adversários lutavam de espada”. Nascido em Liverpool, na Inglaterra, ele foi um dos maiores mitos do período do amadorismo do futebol brasileiro. Alto (tinha 1,90 m) e forte, era um verdadeiro terror para os zagueiros adversários. Seu apelido era “Tanque inglês”. Welfare chutava com as duas pernas, cabeceava bem e tinha boa técnica, sendo considerado o inventor da tabelinha. Foi tricampeão carioca em 1917/18/19 e marcou 155 gols em 152 jogos com a camisa tricolor

